

**NÓS**

**NÃO CAMINHAMOS**

**SÓS**

**Histórias de isolamento  
no antigo Leprosário Itapuã**

## Conselho Editorial

Alessandra Teixeira Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Lorangeira – UFES  
André Lemos – UFBA  
André Parente – UFRJ  
Carla Rodrigues – UFRJ  
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ  
Cristiane Finger – PUCRS  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Erick Felinto – UERJ  
Francisco Rüdiger – UFRGS  
Giovana Scareli – UFSJ  
Jaqueline Moll – UFRGS  
João Freire Filho – UFRJ  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Luiz Mauricio Azevedo – USP  
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP  
Maura Penna – UFPB  
Micael Herschmann – UFRJ  
Michel Maffesoli – Paris V  
Moisés de Lemos Martins – Universidade do Minho  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Rose de Melo Rocha – ESPM  
Simone Mainieri Paulon – UFRGS  
Vicente Molina Neto – UFRGS

# NÓS

NÃO CAMINHAMOS

# SÓS

Histórias de isolamento  
no antigo Leprosário Itapuã

Ana Carolina de Oliveira



*Editora Sulina*

Copyright © Ana Carolina de Oliveira, 2023

Capa: Humberto Nunes, bordados de Genifer Gerhardt  
sobre foto de Luciano Suminski

Ilustrações e edição de imagens: Antonio Vasques

Projeto gráfico e editoração: Botão Editorações

Revisão: Adriana Lampert e Clea Motti

Editor: Luis Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

O48n Oliveira, Ana Carolina de  
Nós não caminhamos sós: histórias de isolamento no antigo  
Leprosário Itapuã / Ana Carolina de Oliveira. -- Porto Alegre: Sulina,  
2023.

208 p.; 14x21 cm.

ISBN: 978-65-5759-119-2

1. Comunicação Social. 2. Jornalismo. 3. Sociologia. 4. Leprosário  
Itapuã - História. I. Título.

CDU: 316.6

070

CDD: 302

101

EDITORA MERIDIONAL LTDA.  
Rua Leopoldo Bier, 644 – 4º andar  
Bairro Santana, CEP 90620-100  
Porto Alegre, RS – Brasil  
Tel.: (51) 3110-9801

sulina@editorasulina.com.br  
www.editorasulina.com.br

Outubro/2023  
Impresso no Brasil

Este livro é dedicado à Eva e à Marleci, com todo o meu carinho, por terem confiado em mim, partilhado comigo suas histórias e me permitido reuni-las neste livro.

Ao Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (Morhan) e a todos os que tiveram a existência atravessada pela política que segregava compulsoriamente os portadores da então chamada lepra.

Ao Marcello Campos, à Liliana Sulzbach, à Rita Camello, ao Jair Ferreira e ao padre José da Boit, que compartilharam comigo seus saberes e acervos.

É dedicado também à minha mãe, Jacqueline de Oliveira. Foi com ela que aprendi a gostar de contar histórias.

À minha família, especialmente aos meus tios-dindos Leondres, Fátima e Mari, à minha prima-irmã Gabriela e à minha avó Maria Neldi, por serem meu suporte e estarem sempre do meu lado.

Ao meu companheiro, Diego, pela paciência, cumplicidade e pelas horas dedicadas a me ajudar no que pudesse.

Ao Antonio Vasques, meu ilustrador preferido, melhor amigo e parceiro de todas as horas, pelas lindas ilustrações e pela edição das imagens deste livro.

À Maria Fernanda Viegas, à Márcia Cavalcante, à Lúcia Sousa e à Clea Motti, pela leitura atenta.

À minha professora e orientadora no meu Trabalho de Conclusão de Curso, Mariana Oselame, que entendeu, acreditou, incentivou e comprou a briga para que este livro pudesse ser feito, sem nem por um minuto me deixar desistir da ideia, por mais difícil que parecesse.

Ao professor Roberto Belmonte, primeira pessoa com quem compartilhei a minha vontade de escrever este livro, pelas conversas, dicas e contribuições nos primeiros passos deste projeto – e a quem eu tive a honra de ter como avaliador na minha banca.

À professora Maria José Finatto, por toda a parceria acadêmica e por ter buscado formas de me ajudar na parte burocrática deste projeto quando ele ainda era só uma ideia.

Ao professor Luís Augusto Fischer, pela leitura e pelo lindo prefácio desta edição.

À professora Jane Tutikian, pela leitura e pelo generoso texto de orelha desta edição.

Ao Artur Custódio, que além de contribuir com seus saberes e histórias recolhidas ao longo de uma vida de militância, é o autor de diversas fotos e do texto de apresentação deste livro.

À Genifer Gerhard, palhaça-bonequeira-poeta-bordadeira, que topou colorir a foto da capa deste livro com suas linhas.

Ao Luciano Suminski, por ter compartilhado comigo algumas das fotos que ilustram esta edição, inclusive a da capa.

Ao Gabinete de Comunicação do Ministério Público do Rio Grande do Sul, setor em que aprendi muito como estagiária e onde eu ouvi falar do Leprosário pela primeira vez.

# Sumário

## **Antes Leprosário, agora Hospital Colônia**

- Luís Augusto Fischer ..... 9

## **Apresentação**

- Artur Custódio ..... 13

**Eu nunca caminhei só** ..... 15

**Nós não caminhamos sós** ..... 17

O diagnóstico de Eva ..... 19

Primeiras memórias ..... 27

A purificação dos leprosos ..... 35

A segregação como política no Brasil ..... 45

Campanhas pró-Leprosário ..... 51

A inauguração ..... 69

A vida no Hospital ..... 77

Eva e Darcy ..... 85

Os filhos dos lázaros ..... 93

A construção do Amparo Santa Cruz ..... 99

A vida no Amparo ..... 115

O fim da segregação ..... 127

O mundo lá fora - Eva ..... 139

O mundo lá fora - Marleci ..... 145

Fica sempre um pouco de perfume ..... 153

O bom filho à casa torna ..... 159

Lepra ou hanseníase? ..... 165

Eva Pereira Nunes ..... 169

Marleci Petry Starosky ..... 175

Hospital Colônia Itapuã ..... 181

**Linha do tempo** ..... 186

**Caderno de imagens** ..... 188

**Referências Bibliográficas** ..... 203



## Antes Leprosário, agora Hospital Colônia

Luís Augusto Fischer

O que é perto? Onde é longe? Quanto espaço é necessário para a gente achar que algo está longe? E perto, a que distância precisa ficar?

Relativo isso tudo, claro.

Mas é certo que, se a gente consegue encontrar o ponto adequado de observação, a distância justa em relação ao objeto focado, a história humana brota forte no relato de qualquer vida, um olho d'água borbulhante a oferecer o espetáculo insuperável das agruras e maravilhas da vida.

Ocorre comigo, com o prezado leitor, com a atenta leitora, e ocorre mais ainda com gente que sofreu na carne e na alma momentos extremos de abandono e aconchego, de rechaço e acolhimento. Ocorre com gente como dona Eva e dona Marleci.

A história delas é contada neste belíssimo livro. Dona Eva foi arrancada da escola, da cidade natal e do convívio dos seus para ser internada, ainda menina, no então Leprosário Itapuã. Marleci nasceu filha de dois internos da mesma instituição, e por isso, imediatamente após o parto, foi levada para o Amparo Santa Cruz, onde foi criada sempre à distância dos pais.

(Ela os viu raríssimas vezes em toda a infância; a cena em que visita o local, com o melhor uniforme escolar do Amparo, e apenas pode acenar para eles –

que ela não reconhecia, porque não os conhecia – e receber de volta um aceno, essa cena é uma página de tristeza que transborda das páginas do livro e invade a sensibilidade do leitor, talvez para sempre.)

Tudo isso é contado aqui com mão segura, após pesquisa documental e reportagem certa, por Ana Carolina de Oliveira. Seu texto é tão primoroso quanto pode ser, pela fluência da frase e por uma outra virtude, superior ainda, a extrema discrição com que as palavras se comportam para dar protagonismo a quem de fato importa aqui, os internados em Itapuã, especialmente Eva e Marleci.

O livro de Ana Carolina não tem poucos méritos. Para além dos que já foram apontados aqui, há mais. No correr dos capítulos, vão sendo trançadas a história de duas mulheres com a história da cidade, do estado, do país e do mundo, e ainda com a história quase infinita da lepra, da hanseníase, doença velha como o mundo conhecido.

O leitor vai sendo gentilmente conduzido pelo texto de um ponto a outro, aqui e lá, o presente e o passado, o particular e o geral, sem que jamais tenhamos qualquer dúvida sobre o lugar em que se está. O leitor vai acumulando informações e impressões, de modo a compor uma trajetória que é uma agradável surpresa, a de acompanhar o macro e o micro sem fazer nenhuma força desnecessária, conduzido pela segurança do texto da Ana Carolina, que faz as coisas convergirem para uma trama que parece nem ter sido urdida, tão perfeita é.

O antigo Leprosário, criado no final dos anos 1930, chegou a ter 800 internos – uma minicidade, gerida por médicos, enfermeiras e freiras. Uma cidade, porém, isolada da cidade a que nos acostumamos, essa em que a gente circula, imagina, encontra, desencontra, sempre contando com o pressuposto da liberdade.

Como nos conta o livro, menos de 20 anos depois já apareciam remédios para a doença, que foram esvaziando dormitórios e casas. Hoje são pouco mais de uma dezena os habitantes remanescentes, que convivem com pessoas em sofrimento psíquico. Uma fatia fina da imensa história do sofrimento humano.

Faz lembrar um caso famoso da literatura. Jorge Luis Borges, o sensacional escritor argentino, concebeu um conto de ampla significação filosófica, “O Aleph”. Nele, um personagem cético encontra-se com a experiência decisiva de vislumbrar o dito “Aleph”, um ponto que concentra em si todos os pontos do mundo, uma pequeníssima forma que traz em si todo o passado e todo o futuro.

Mais ou menos isso vai se passar com o leitor de *Nós não caminhamos sós - Histórias de isolamento no antigo Leprosário Itapuã*: como o personagem borgeano, aqui o leitor verá que a história de duas específicas mulheres se desdobra na história de centenas, milhares e talvez milhões de sofredores e segregados, assim como um ponto meio perdido entre o Extremo Sul de Porto Alegre e Viamão, num lance de mágica encarna, de algum modo, todo o planeta.



# Apresentação

Artur Custódio

*Ex-coordenador nacional do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (Morhan) e assessor da Coordenação Nacional de Doenças Transmissíveis na Atenção Primária / Secretaria de Atenção Primária à Saúde do Ministério da Saúde*

Escrever para o livro de Ana Carolina foi um desafio que povoou meus sonhos por várias noites. Como falar de um livro maravilhoso e de uma escritora que faz das palavras uma arte desejada a cada linha? De um texto que transmite a todos a emoção da história de seus personagens reais?

Por ter tido o privilégio de conhecer o local e as pessoas-personagens do livro, pude descobrir mais profundamente, através da riqueza de detalhes do trabalho da autora, fatos que nem com anos de militância no Morhan tive a sorte de saber. Através deste livro, pude conhecer um pouco mais da vida de pessoas que admiro profundamente por suas histórias de resistência e reconstrução.

Saudades profundas da Eva, que amo tanto. Lendo este livro pude rememorar seu fusquinha gremista, sua intensidade de vida e, pasmem, Ana Carolina me fez lembrar até o raio do cigarro da Evinha, que pude implicar várias vezes. Parece até que senti o cheiro dele...

São histórias de sofrimento, de lágrimas, de desprezo, de saudade... Mas há espaço para a esperança, a solidariedade, o amor e a superação. A odisseia de tantas pessoas precisa, cada vez mais, tomar forma como neste livro, “para que ninguém esqueça, para que nunca mais aconteça”, como diz a célebre frase.

São histórias semelhantes às de milhares de pessoas vitimadas pelo estigma de uma doença curável; no entanto, a indiferença do Estado brasileiro e a intolerância da sociedade relegaram os atingidos pela hanseníase à condição de párias.

O livro de Ana Carolina nos dá força para continuar lutando pela cura do preconceito, para a preservação desses locais e para o mínimo direito à memória de tantos que partiram... Para que, assim, possamos conseguir preservar o frescor de cada flor que se abre em Itapuã e olhar o pôr do sol na orla da Lagoa.

Obrigado, Ana, por me encher de energia e esperança de que pessoas como você continuarão a luta.